

ANAIS II JORNADA CIENTÍFICA



Centro Universitário Amparense

DEZEMBRO 2016



ANAIS

CENTRO UNIVERSITÁRIO AMPARENSE-UNIFIA

II JORNADA CIENTÍFICA

DEZEMBRO 2016

AMPARO



ANAIS II JORNADA CIENTÍFICA – UNIFIA - 2016

CENTRO UNIVERSITÁRIO AMPARENSE - UNIFIA MANTENEDORA:

UNISEPE – UNIÃO DAS INSTITUIÇÕES DE SERVIÇO, ENSINO E PESQUISA LTDA

Reitor: Aderbal Alfredo Calderari Bernardes

Email: reitoria@unifia.edu.br

Pró Reitor Acadêmico: Guilherme Bernardes Filho

Email: reitoria@unifia.edu.br

Pró Reitor Administrativo: Fábio Gomes de Araujo

Email: pra@unifia.edu.br

Coordenadores de Cursos :

Administração

Prof.º Luis Carlos Pereira e Raquel Pinton Geraldino Daólio

Análise e Desenvolvimento de Sistemas

Prof.º Luis Carlos Pompeu

Biomedicina

Profª Joyce Beira Miranda da Silva

Ciências Contábeis

Prof.º Fábio Gomes de Araujo

Educação Física

Prof.º Fábio Baccin Fiorante

Enfermagem

Profª Márcia Féldreman Nunes Gonzaga

Engenharia Civil

Prof.º Gilson Fioravante Tolloto

Engenharia da Produção

Prof.º Luiz Carlos Pereira

Gestão da Qualidade

Profª Raquel Pinton Geraldino Daólio

Gestão em Logística

Prof.º Luiz Carlos Pereira

Marketing

Profª Raquel Pinton Geraldino Daólio

Nutrição

Profª Mary Uieda



Pedagogia

Prof^ª Maria Helena Comune Vido

Gestão da Produção Industrial

Prof.^o Luiz Carlos Pereira

Química Industrial

Prof^ª Andréia Alves de Lima

Gestão de Recursos Humanos

Prof.^a Raquel Pinton Geraldino Daólio

Estética e Cosmética

Prof^ª Ana Carla Comune de Oliveira

Mecatrônica

Prof.^o Luiz Carlos Pereira

Comissão Científica

Prof^ª Dr^a Andréia Alves de Lima

Prof^ª Joyce Beira Miranda da Silva

Organização e Elaboração dos Anais

Prof^ª Dr^a Andréia Alves de Lima

Prof^ª Joyce Beira Miranda da Silva

ANAIS II JORNADA CIENTÍFICA – UNIFIA – 2016

SUMÁRIO

ESTUDO PARASITOLÓGICO EM CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR NA CIDADE DE PINHALZINHO.....	6
INCIDÊNCIA DO ANTICORPO ANTIESTREPTOLISINA O EM UNIVERSITÁRIOS.....	8
AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DOS ACADÊMICOS DO CENTRO UNIVERSITÁRIO AMPARENSE - UNIFIA EM RELAÇÃO À <i>CHLAMYDIA TRACHOMATIS</i>	10
CONHECIMENTO DAS MULHERES DO CENTRO UNIVERSITÁRIO AMPARENSE UNIFIA EM RELAÇÃO AO CÂNCER DO COLO DO ÚTERO E A INFECÇÃO PELO PAPILOMAVÍRUS HUMANO.....	11
CANDIDÍASE VULVOVAGINAL E ORAL: CONHECIMENTO DAS MULHERES UNIVERSITÁRIAS.....	12
ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO PROCESSO DE QUALIDADE E ACREDITAÇÃO HOSPITALAR.....	13
INFECÇÃO HOSPITALAR EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA: UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA.....	14
ESTUDO DO REFINAMENTO DE PETRÓLEO E APLICAÇÃO EM POLÍMEROS.....	16
METAIS PESADOS E SEUS IMPACTOS.....	18
DETERMINAÇÃO QUANTITATIVA DE CLORIDRATO DE MOXIFLOXACINO EM COMPRIMIDOS POR ESPECTROFOTOMETRIA NA REGIÃO DO ULTRAVIOLETA.....	20

ESTUDO PARASITOLÓGICO EM CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR NA CIDADE DE PINHALZINHO

Geovana Ferreira dos Anjos¹
Gisele de Faria Oliveira¹
Jonathan Frédéric Duzo¹
Mariane de Lima Barbosa¹
Luciana Rossi¹
Aline Gritti Rodrigues²
Joyce Beira Miranda da Silva³

Resumo

A parasitose intestinal tem importante papel na saúde pública, visto que pode ocasionar perdas econômicas como a ausência ao trabalho, diminuição da produtividade, mau rendimento escolar. No Brasil, as doenças causadas por parasitos contribuem para a má nutrição, em especial, as crianças em idade escolar, sendo responsabilizadas por deficiência no aprendizado e no seu desenvolvimento físico. Um levantamento multicêntrico das parasitoses, no Brasil, revela que 55,3% das crianças tem parasitismo, sendo que 51% apresentaram poli parasitismo. Residir em países tropicais, por serem de ambiente quente, fatores associados à desnutrição, falta de assistência médica, contaminação dos alimentos e da água, as condições sanitárias são precárias, presença de reservatórios e vetores, práticas de higiene pessoal e doméstica inadequadas são fatores que facilitam o desenvolvimento e a propagação das formas infectantes de helmintos e de protozoários intestinais. As crianças em idade escolar entram frequentemente em contato com estas formas. Diversos estudos têm mostrado percentuais importantes de enteroparasitos nos ambientes de coletividade, principalmente em creches. Atualmente, devido a maior urbanização e maior participação feminina no mercado de trabalho, as creches passaram a ser o ambiente mais frequentado pelas crianças, fazendo com que esses locais sejam potenciais de contaminação. Diante desta realidade, procurou-se estabelecer a ocorrência de parasitoses intestinais em crianças da creche municipal da cidade de Pinhalzinho-SP e os fatores de risco relacionados a ela. Dentre as amostras das 16 crianças que participaram da presente pesquisa apenas 2 amostras foram positivas sendo um total de 14%, sendo assim, 88% das amostras foram negativas. Nos resultados positivo, houve a porcentagem de incidência igual entre os protozoários *Giardia Lamblia* e *Entamoeba coli*, ambas com um caso positivo. Dentre esses, ambos já tinham feito exames parasitológicos anteriormente pelo menos uma vez por ano, sendo que um já havia tido uma infecção intestinal diagnosticada. O estudo obteve uma incidência parasitaria baixa, o que pode estar relacionado com os hábitos da criança e da família, local onde residem, e o tratamento de água e esgoto. No entanto, não há como indicar a prevalência parasitaria na cidade de pinhalzinho, devido ao baixo número de voluntários que participaram da pesquisa.

Palavras-Chaves: estudo parasitológico, parasitas intestinais, parasitoses em crianças no início de idade escolar.

Referências Bibliográfica

ARAÚJO, F. R; ARAÚJO, C. P; WERNECK, M. R; GÓRSKI, A. Lava migrans cutânea em crianças de uma escola em área centro-oeste do Brasil. **Rev. Saúde pública**, v.34, n. 1, São Paulo, 2000.

CRUZ, P. F. F; et.al. Ações educativas com ênfase à prevenção de parasitoses intestinais em uma localidade rural no município de Uberlândia. **Rev. Brasileira de educação e saúde**, v. 4, n.2, p. 8-15, Pombal, 2014.

FERREIRA, H; LALA, E.R. P; MONTEIRO, M.C; Hospitalização de crianças causada por parasitoses intestinais e sua relação com desnutrição. **Rev. Soc. Brasileira de Enfermagem. Pediátrica**. v. 6, n.1, São Paulo, 2006.

LOPES, L. M; et al. Ocorrência de parasitas e comensais intestinais em crianças da comunidade Da Vila Inglesa, em São Paulo, SP, Brasil. **Rev. Inst. Adolfo Lutz**, V. 69, n. 2, p.252-4, São Paulo, 2010.

MOURA, M. R. S. A. L. et al. Frequência de *Escherichia coli* e sua sensibilidade aos antimicrobianos em menores de cinco anos hospitalizados por diarreia aguda. **Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.** [online]. 2012, v.12, n.2, pp.173-182.



SANTANA, L.A; VITORINO, R.R. Atualidades sobre giardiase. **Jornal Brasileiro de Medicina**, jan./ fev., v. 102, n 1, São Paulo, 2014.

SANTOS, J; DUARTE, A. R. M; GADOTTI, G. Parasitose intestinal em crianças de creche comunitária em Florianópolis SC, Brasil. **Rev. Patologia Tropical**, v. 43, n.3, Florianópolis, 2014.

UCHÔA, C. M. A; LOBO, A. G. B; BASTOS, O. M. P; MATOS, A. D. Parasitoses intestinais: prevalência em creches comunitárias da cidade de Niterói, Rio de Janeiro Brasil. **Rev. Inst. Adolfo Lutz**, v. 60, n. 2, p. 9, Rio de Janeiro, 2001.

VITORINO, R. R; GOMES, A. P; FREITAS, R. B; et.al. Enterobíase: aspectos atuais. **Rev. Brasileira de Medicina**, v. 51, n. 1, Viçosa, 2015.

¹Discentes do curso de Biomedicina do Centro Universitário Amparense ² Docente do curso de Biomedicina do Centro Universitário Amparense ³Coordenadora do curso de Biomedicina do Centro Universitário Amparense

INCIDÊNCIA DO ANTICORPO ANTIESTREPTOLISINA O EM UNIVERSITÁRIOS

Jonas Ezequiel Fantini¹
Aline Gritti Rodrigues²
Joyce Beira Miranda da Silva³

Resumo

O anticorpo antiestreptolisina O (ASLO) está presente no organismo de indivíduos que estiveram em contato com uma bactéria denominada *Streptococcus pyogenes* ou Estreptococcus beta hemolítico do grupo A (SBGA). Essa bactéria pode causar várias doenças como por exemplo; amigdalite, escarlatina, erisipela, glomerulonefrite e febre reumática. Os níveis de antiestreptolisina O em taxas aumentadas ou crescentes indicam que houve uma infecção estreptocócica recente, níveis baixos ou decrescentes indicam que houve uma infecção mais antiga já curada. Em algumas patologias o exame possui valor diagnóstico direto já em outra possui valor diagnóstico indireto ou seja sua elevação fala a favor da doença mas não é suficiente para fazer o diagnóstico. As crianças são as principais vítimas das infecções e complicações de origem estreptocócicas o que já foi discutido por diversos autores, por esse motivo se fez necessário a avaliação e dosagem do anticorpo antiestreptolisina O em indivíduos jovens em idade adulta para se evidenciar sua incidência e como se comportam em contato com a bactéria SBGA. Este trabalho teve como objetivo observar a incidência do anticorpo antiestreptolisina O ASLO na população do Centro Universitário Amparense UNIFIA e observar como os indivíduos da população universitária se comporta em contato com a bactéria SBGA e quais os fatores favorecem o contágio, uma vez que a exposição e até mesmo a contaminação por essa bactéria pode passar despercebida em indivíduos desse público. Após análise dos soros dos voluntários constatou-se que 8% apresentaram resultado positivo para ASLO com níveis de anticorpo Antiestreptolisina O superior a 200 UI/ml, mesmo com 30% relatando estar acometidos recentemente com faringite não foram todos deste que grupo que apresentaram títulos de ASLO elevados, 86,66% apresentaram resultado negativo essa diferença pode ser justificada pela faringite ser de outra origem que não estreptocócica. Desta forma é importante sempre estar atento a possíveis riscos como hábitos e lugares que favoreçam o contágio por bactérias *Streptococcus pyogenes* uma vez que a população jovem também está suscetível e deve procurar ajuda médica e tratamento a qualquer sinal de uma infecção.

Palavras – Chaves: antiestreptolisina O / Estreptococcus beta hemolítico do grupo A / Universitários / Febre Reumática / faringite / infecções

Referências Bibliográficas

- CAMPO NOVO C. Problemas de resistência em *Streptococcus pyogenes*. **Rev. chil. infectol.** Santiago, v. 19, supl. 2, p. 107-110, 2002.
- COSTA, L.P; DOMICIANO, D.S; PEREIRA, R.M.R. Características demográficas, clínicas, laboratoriais e radiológicas da febre reumática no Brasil: revisão sistemática. **Rev Bras Reumatol** 2009;49(5):606-16.
- GUTIERREZ, C. et al . Valores referenciales de antiestreptolisina O y portadores asintomáticos de estreptococos β -hemolíticos en adolescentes y adultos del Municipio Francisco Linares Alcántara, Venezuela. **Rev. chil. infectol.**, Santiago , v. 32, n. 6, p. 689-694, dic. 2015 .
- MACIEL, A. et al. Portadores assintomáticos de infecções por *Streptococcus pyogenes* em duas escolas públicas na cidade do Recife, Pernambuco. **Rev. Bras. Sal.Mater. Infant.** Recife, v. 3, n. 2, p. 175-180, June 2003.
- MACHADO, C. S. *et al* . O perfil da antiestreptolisina O no diagnóstico da febre reumática aguda. **J. Pediatra.** (Rio J.), Porto Alegre, v. 77, n. 2, p. 105-111, Apr. 2001.
- MARINS, K. S. *et al*. Cutaneous polyarteritis nodosa in children presenting with digital gangrene and possible association with group a beta hemolytic streptococcus infection. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 48, n. 2, p. 111-117, 2008.
- PRESTES-CARNEIRO, L. E.; ACENCIO, E. S. L.; POMPEI, A. C. S. C.. Determinação de anti-estreptolisina "O" e proteína C reativa entre escolares do município de Laranjal, PR. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, Uberaba, v. 38, n. 1, p. 67-68, Feb. 2005.



SILVA, A. P.; SILVA, M. L.; SILVA, D. B. Frequência de internações por febre reumática em um hospital pediátrico de referência em um período de 20 anos. **Rev. Paul. Pediatr.** São Paulo, v. 28, n. 2, p. 141-147, June 2010.

SPINA, Guilherme Sobreira. Doença reumática: negligenciada, mas ainda presente e mortal. **Revista de Medicina**, v. 87, n. 2, p. 128-141, 2008.

¹Discentes do curso de Biomedicina do Centro Universitário Amparense ² Docente do curso de Biomedicina do Centro Universitário Amparense ³Coordenadora do curso de Biomedicina do Centro Universitário Amparense

AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DOS ACADÊMICOS DO CENTRO UNIVERSITÁRIO AMPARENSE - UNIFIA EM RELAÇÃO À *CHLAMYDIA TRACHOMATIS*

Franciele Loner¹
Jose Felipe Marchesini¹
Rafaela Aparecida Simão¹
Thais Nogueira de Lima¹
Daniela Vasconcellos Dini da Cruz Pires²
Tânia Cristina Massaro²

Resumo

A *Chlamydia trachomatis* é uma bactéria que infecta as mucosas, não se excluindo as regiões oculares e anogenital e também a orofaringe. (PASSOS, 2002).

A OMS estima que anualmente ocorram aproximadamente 92 milhões de casos de infecção por *Chlamydia trachomatis*. Na maioria dos casos as infecções no aparelho reprodutor feminino são assintomáticas, ou seja, não apresentam sintomas, o que acaba dificultando o diagnóstico precoce, correndo o risco de ocasionar uma obstrução tubária bilateral, levando a mulher a uma infertilidade. (LEVI et al., 2012). Nos homens os sintomas costumam aparecer após um período de 7 a 21 dias, em forma de disúria e corrimento uretral claro ou esbranquiçado, conhecida como uretrite não-gonocócica. (MARQUES; MENEZES, 2005). O diagnóstico laboratorial se baseia na pesquisa de anticorpos séricos e na pesquisa direta de raspados oculares, secreções anogenitais ou urina. (KEEGAN; DIEDRICH; PEIPERT, 2014). Devido a *C. trachomatis* não apresentar grande resistência ao uso de antibióticos, o mais utilizado para tratamento é a dose única de azitromicina. (PAEZ-CANRO et al, 2013).

Palavra Chave: *Chlamydia trachomatis*, IST, Acadêmicos, Conhecimento.

Referências Bibliográficas

KEEGAN, Mary B.; DIEDRICH, Justin T.; PEIPERT, Jeffrey F. Chlamydia trachomatis Infection: Screening and Management. *J Clin Outcomes Manag*, S.I., v. 21, n. 1, p. 30-38, 2014.

LEVI, A. W. et al. Comparing Two Methods of Detection for Chlamydia trachomatis in Liquid-Based Papanicolaou Tests. *American Journal Of Clinical Pathology*, S.I., v. 138, n. 2, p.236-240, 1 ago. 2012.

MARQUES, Carlos A. S.; MENEZES, Maria Luiza B. Infecção genital por *Chlamydia trachomatis* e esterilidade. *Dst – Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, Pernambuco, p. 66-70. 2005.

PAEZ-CANRO, C. et al. Antibiotics for treating genital chlamydia trachomatis infection in men and non-pregnant women (Protocol). *The Cochrane Library*, S.I., v. 12, p. 1-14, 2013.

PASSOS, Mauro Romero Leal. *Em foco - Chlamydia trachomatis: a epidemia silenciosa*. PhOENIX Produções Editoriais, 2002.

¹Discentes do curso de Biomedicina do Centro Universitário Amparense ² Docentes do curso de Biomedicina do Centro Universitário Amparense

CONHECIMENTO DAS MULHERES DO CENTRO UNIVERSITÁRIO AMPARENSE UNIFIA EM RELAÇÃO AO CÂNCER DO COLO DO ÚTERO E A INFECÇÃO PELO PAPILOMAVÍRUS HUMANO

Franciely Veronesi Bueno¹
Isabele de Moraes¹
Letícia Calian da Cruz¹
Mayara Fernanda Ribeiro de Faria¹
Suelen da Rosa Gonçalves¹
Daniela Vasconcellos Dini da Cruz Pires²
Tânia Cristina Massaro²

Resumo

O Câncer do Colo do Útero é uma doença grave, e tem como agente causador o Papilomavírus Humano (HPV), vírus sexualmente transmissível, do tipo oncogênico em 70% dos casos. Há uma variação entre 150 tipos de HPV, sendo os mais comuns o 6 e o 11 que são classificados não oncogênicos, apresentam-se através de verrugas genitais, e os do tipo 16 e 18 considerados de alto risco, são oncogênicos, suas lesões são subclínicas tornando-o assintomático. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013). Um fator importante para o desenvolvimento da doença é a persistência da infecção pelo vírus HPV que esta associada a cofatores, que incluem a multiplicidade de parceiros, início precoce da atividade sexual, anticoncepcionais, tabagismo e sistema imunológico comprometido (IARC). Para prevenção existem dois tipos de vacinas, a quadrivalente contra os tipos de HPV 6,11,16 e 18, e a bivalente apenas para os tipos 16 e 18. Como método de prevenção secundário o exame de Papanicolaou detecta as alterações precoces da neoplasia permitindo reconhecer modificações celulares no colo uterino. Deve ser realizado em mulheres entre 25 e 64 que tenham vida sexual ativa. Os dois primeiros exames devem ser realizados com intervalo de um ano, se os resultados forem normais, o exame passara a ser feito a cada três anos. (INCA, 2011). No Brasil já houve uma grande melhora em se tratando de exame citológico de Papanicolaou, porém em vista das estatísticas é possível observar que ainda não é o suficiente para diminuir as mortes por Câncer de Colo do Útero no País. O objetivo desse estudo foi Identificar o nível de conhecimento das mulheres do Centro Universitário Amparense (UNIFIA) a respeito da relação do HPV com o câncer colo do útero a fim de detectar as principais carências informativas em relação ao assunto. Propor programas de conscientização através de palestras educativas para assim diminuir a incidência e mortalidade por essa patologia.

Palavra chave: HPV (*Papilomavírus Humano*), Câncer do colo do útero, prevenção

Referências Bibliográficas

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER (INCA). Diretrizes brasileiras para o rastreamento do câncer do colo do útero. 1. ed. – Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:

http://www1.inca.gov.br/inca/Arquivos/Diretrizes_rastreamento_cancer_colo_uterio.pdf. Acessado em 06/07/2016 às 21:27 hr

BRASIL, Ministério da Saúde. Guia Prático Sobre o HPV – Perguntas e Respostas, 2013. Disponível em:

http://187.17.2.102/saude/wp-content/uploads/Guia_Pratico_HPV_Perguntas_e_Respostas.pdf. Acessado em 6/7/2016, às 21h.

¹Discentes do curso de Biomedicina do Centro Universitário Amparense ² Docentes do curso de Biomedicina do Centro Universitário Amparense

CANDIDÍASE VULVOVAGINAL E ORAL: CONHECIMENTO DAS MULHERES UNIVERSITÁRIAS

Andrea Gabriel¹
Daniela Vasconcellos Dini da Cruz Pires²
Tânia Cristina Massaro²

Resumo

Nos últimos anos, o oportunismo da *Candida* vem se tornando cada vez mais frequente, principalmente em decorrência do surgimento de novas espécies em conjunto com a diminuição à sensibilidade aos antifúngicos. Segundo Sidrim e Rocha (2004) apud Giolo e Svidzinski (2010), o primeiro registro de leveduras do gênero *Candida* spp. como patógeno foi em 1839, por Langenbeck. Devido a uma afta bucal, Langenbeck conseguiu observar, isolar e posteriormente classificar o microrganismo, que atualmente é considerada a principal levedura patogênica do homem, a *Candida albicans*. O gênero é constituído por aproximadamente 200 espécies, apesar da *Candida albicans* ser a espécie mais comumente isolada nas infecções superficiais ou invasivas. Segundo Junior et al. (2011), ao se tratar da saúde das mulheres, as infecções ginecológicas merecem atenção pelo risco de sequelas futuras, estando a candidíase vulvovaginal (CVV) incluída entre elas e sendo atualmente um importante problema de saúde pública. Conforme os dados divulgados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), os achados mostraram que a CVV acomete um número significativo de mulheres, pelo menos um episódio é apresentado até 25 anos de idade e 75% das mulheres em período da pré-menopausa é relatado um episódio de CVV, somente na pós-menopausa, que a incidência é mais rara. Já a incidência de *Candida* na cavidade oral como comensal em indivíduos saudáveis varia entre 20 a 75%, pois só dessa levedura já foram isoladas mais 27 espécies na boca. (Costa, Candido, 2007). O objetivo desse estudo foi avaliar o conhecimento de universitárias e através dos resultados, identificar quais informações necessitamos levar para as estudantes, em forma de palestras educativas sobre o assunto, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dessas mulheres, pois, sabendo mais a respeito da infecção, poderão assim identificar melhor os sintomas, procurar o médico e tratar adequadamente.

Palavras-chave: fungo, *Candida*, parasita, candidíase vulvovaginal, candidíase oral

Referências Bibliográficas

- Dalazen D, et al. Comparação do perfil de suscetibilidade entre isolados clínicos de *Candida* spp. orais e vulvovaginais no Sul do Brasil. J Bras Patol Med Lab. 2011; 33-38 p.
- Levinson W. Microbiologia médica e imunologia. 10^a ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 352 p.
- Silva ZDL. Ocorrência, diagnóstico molecular e resistência a antifúngicos de *Candida* sp. de infecções vaginais em Portugal e Cabo-Verde. Lisboa. Universidade de Nova Lisboa. 2013.

¹Discente do curso de Biomedicina do Centro Universitário Amparense ²Docentes do curso de Biomedicina do Centro Universitário Amparense

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO PROCESSO DE QUALIDADE E ACREDITAÇÃO HOSPITALAR

Thais Luana Rizzieri¹
Marina Dallari Mesquita²

Resumo

Na aquisição do sistema de administração da qualidade tendo como objetivo a constatação, ainda assim, os hospitais poderão controlar custos, diminuir as perdas e o ato de refazer qualquer trabalho, aumentar a eficácia da seguridade dos profissionais bem como pacientes, mostrar excelência no trabalho refletindo assim resultados positivos nos resultados. A deficiência da qualidade mostra grandes resultados negativos refletidos na sociedade e nos sistemas de saúde, tendo como alguns exemplos os serviços ineficazes, que não chegam de forma alguma nos reais resultados esperados, serviços com custos bastante elevados porém ineficazes e serviços de difícil ou impossível acesso, resultando na longa lista de decepção e insatisfação dos utentes e profissionais.

Palavras- Chave: Acreditação Hospitalar, Processo, Enfermeiro e Atuação.

Referências Bibliográficas

SIMAN, Andréia Guerra et al. Estratégia do trabalho gerencial para alcance da acreditação hospitalar. **REME rev. min. enferm.**, v. 19, n. 4, p. 815-822, 2015.

MANZO, Bruna Figueiredo et al. A enfermagem no processo de acreditação hospitalar: atuação e implicações no cotidiano de trabalho. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 20, n. 1, p. 151-158, 2012.

MANZO, Bruna Figueiredo; BRITO, Maria José Menezes; ALVES, Marília. Influência da comunicação no processo de acreditação hospitalar/Influence of communication in the hospital accreditation process/Influencia de la comunicación en el proceso de acreditación hospitalaria. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n. 1, p. 46, 2013.

MAZIERO, Vanessa Gomes; SPIRI, Wilza Carla. Significado do processo de acreditação hospitalar para enfermeiros de um hospital público estadual. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 15, n. 1, p. 121-9, 2013.

MATOS, Selme Silqueira de et al. Um olhar sobre as ações do enfermeiro no processo de acreditação hospitalar 1. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 10, n. 4, p. 418-424, 2.

¹Discente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Amparense ²Docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Amparense

INFECÇÃO HOSPITALAR EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA: UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA

Thaís Luana Rizzieri¹
Marina Dallari Mesquita²

Resumo

As Unidades de Terapia Intensiva são consideradas ambientes de alto de risco para aquisição das infecções hospitalares. Os pacientes hospitalizados nessas unidades estão expostos a uma ampla variedade de microrganismos patogênicos. Nesse contexto objetivou-se identificar na literatura as principais causas das infecções hospitalares nas Unidades de Terapia Intensiva, os microrganismos relacionados e os índices de ocorrência dos mesmos. Para isso foi realizado uma revisão integrativa da literatura, através dos trabalhos indexados nas bases de dados da Medline, Lilacs, Scielo, entre outros. Concluiu-se que medidas que influenciam na redução desses casos sejam adotadas, juntamente com a educação permanente dos funcionários destas unidades.

Palavras- Chave: Infecções Nosocomiais, Unidades de Terapia Intensiva e Infecção Hospitalar.

Referências Bibliográficas

- SOUSA, C.M.M., et all. Os direitos dos usuários da saúde em casos de infecção hospitalar. *Revista Bras. Enferm.*, Brasília, v.61, n.4, p.411-417, julho/agosto, 2008.
- CYRINO, C.M.S., DELL'ACQUA, M.C.Q. Sítios assistenciais em uma unidade de terapia intensiva e relação do nursin activities score com a infecção hospitalar. *Esc. Anna Nery*, v.16, n.4, p.712-718, out – dez, 2012.
- SOUSA, C.M.M., et all. Responsabilidade civil dos profissionais de enfermagem nos procedimentos invasivos. *Rev. Bras Enferm*, Brasília, v.62, n.5, p. 717-722, set-out, 2009.
- MOLINA, L.V. Características clínico-epidemiológicas de 17 pacientes com infección asociada con catéter de venoso central, hospitalizados en la Unidad de Cuidado Intensivo adultos. *Clínica Cardiovascular Santa María*, 2010. *MEDICINA U.P.B.*, v.31, n.2, p. 143-150, Julho, 2012.
- ABEGG, P.T.G.M., SILVA, L.L.S. Controle de infecção hospitalar em unidade de terapia intensiva: estudo retrospectivo. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*, Londrina, v.32, n.1, p. 47-58, jan./jun., 2011.
- FERRAREZE, M.V.G., et all. *Pseudomonas aeruginosa* multiresistente em unidade de cuidados intensivos: desafios que procedem. *Acta Paul Enferm.*, v.20, n.1, p. 7-11, 2007.
- OLIVEIRA, A.C., KOVNER, C.T., SILVA, S.S. Infecção hospitalar em unidade de tratamento intensivo de um hospital universitário brasileiro. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v.18, n.2, p.1-8, março – abril, 2010.
- FONTANA, R.T. As infecções hospitalares e a evolução histórica das infecções. *Rev. Bras. Enferm.*, v.59, n.5, p.703-706, set-out., 2006. 7
- SILVA, S.G., NASCIMENTO, E.R.P., SALLES, R.K. Pneumonia associada à ventilação mecânica: discursos de profissionais acerca da prevenção. *Esc Anna Nery*, v.18, n.2, p.290- 295, 2014.
- SOUZA, A.F., GUIMARÃES, A.C., FERREIRA, E.F. Avaliação da implementação de novo protocolo de higiene bucal em um centro de terapia intensiva para prevenção de pneumonia associada à ventilação mecânica. *Rev. Min. Enferm.*, v.17, n.1, p.177-184, jan/mar, 2013.



OLARTE, N.M. et all. Colonización por *Staphylococcus aureus* resistente a la metilina en una unidad de cuidados intensivos de adultos de un hospital colombiano: caracterización fenotípica y molecular con detección de un clon de circulación en la comunidade. *Biomédica*, v.30, p.353-361, 2010.

¹Discente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Amparense ²Docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Amparense

ESTUDO DO REFINAMENTO DE PETRÓLEO E APLICAÇÃO EM POLÍMEROS

Alan Franco de Souza¹
Jéssica Teles de Oliveira¹
Renan M. H. da Silva¹
Luis Henrique Romano²
Andréia Alves de Lima³

Resumo

Os depósitos de petróleo e gás natural em sua maioria são de origem marinha resultado de um entulho biológico coberto por argila e partículas de areia, formando uma camada orgânica compactada em uma matriz porosa de argila e arenito. Bactérias digerem essa matéria biológica, liberando a maior parte de oxigênio e nitrogênio contidos nesse material. As moléculas mais resistentes a digestão, são os lipídios à base de hidrocarbonetos, que são a estrutura do petróleo, à medida que o sedimento enterrado se aprofunda, a temperatura e a pressão aumentam fazendo com que a ação bacteriana diminua e as reações de recombinação orgânica ocorrem, essas reações liberam uma grande quantidade de metano e hidrocarbonetos leves na forma de gases, que se acumulam em bolsas que se formam sobre rochas impermeáveis, logo que o óleo bruto está formado ele migra para uma armadilha formando as jazidas. O objetivo desse trabalho foi verificar a literatura que envolve alguns dos processos petrolíferos e seus efeitos colaterais ambientais, além da aplicação em polímeros. A metodologia empregada no trabalho de conclusão de curso foi à revisão bibliográfica onde através de livros, artigos científicos, trabalhos acadêmicos e sites especializados, foi possível formular idéias e explicações sobre o petróleo. Foram abordados temas como extração, refinamento, craqueamento, impacto ambiental e aplicação do subproduto nafta na indústria de polímeros. De forma geral o trabalho foi acompanhado por um orientador, onde foi encontrado todo suporte para formatá-lo segundo as normas ABNT, e também assistência para melhoramento de todo conteúdo apresentado. Vários estudos e processos são realizados para a retirada do petróleo da jazida, onde na refinaria o óleo bruto passa por diversos processos em sua maioria na torre de destilação, visando um interesse econômico em seus derivados, como por exemplo, a nafta. Onde indústrias como a de polímeros, tem como produto base polímeros sintéticos como principal proveniente do petróleo, hoje em dia sendo uma indústria muito rentável economicamente. Porém todo esse processo é realizado com normas e leis que fiscalizam desde a extração passando pela produção até o seu consumo, para que não haja impactos maiores ao meio ambiente, evitando assim possíveis acidentes.

Palavras-chave: Refinamento, indústria, meio ambiente, nafta, polímero.

Referências Bibliográficas

FOGAÇA, Jennifer Rocha Vargas. "Refinamento do petróleo"; *Brasil Escola*. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/quimica/refinamento-petroleo.htm>. Acesso em: 5 de junho de 2016.

FOGAÇA, Jennifer Rocha Vargas. "Composição química do petróleo"; *Brasil Escola*. Disponível em: <http://alunosonline.uol.com.br/quimica/composicao-quimica-petroleo.html>. Acesso em: 3 de junho de 2016.

LARA, Daisy Silva de. "Petróleo"; *Com ciência*. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/petroleo/pet09.shtml>. Acesso em: 10 de junho de 2016.

FOGAÇA, Jennifer Rocha Vargas. "Danos causados por vazamentos de petróleo nos oceanos"; *Mundo educação*. Disponível em <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/quimica/danos-causados-por-vazamentos-petroleo-nos-oceanos.htm>. Acesso em: 5 de junho de 2016.

LANA, Carlos Roberto de. "Polímeros sintéticos"; *Educação uol*. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/quimica/polimeros-sinteticos-plasticos-promoveram-revolucao-em-nosso-cotidiano.htm>. Acesso em: 10 de junho de 2016.

SILVA, Renan Maximo Honorio da. "Produção de petróleo e gás", Cedis do Brasil. 2012.

SEIXAS, Carlos Alberto; Guimarães Ginde; Maria Sílvia. "Ciências da Natureza e Suas Tecnologias I". Leya Escolar. Vol.4. 2013.



ROBAERT, Samuel. “Petróleo e Hidrocarbonetos”. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/samuelrobaert/petrleo-e-hidrocarbonetos>>. Acesso em: 12 de novembro de 2016

MENDES, D.R, Ferronato, J. “Craqueamento do Petróleo”. Universidade Federal do Pampa. 2012.

SILVA, Katiane Sara da. “Avaliação das Cinéticas do Processo de Craqueamento Térmico de Petróleo”. Angicos-RN. 2013.

¹Discentes do curso de Química Industrial do Centro Universitário Amparense ²Docente do curso de Química Industrial do Centro Universitário Amparense ³Coordenadora do curso de Química Industrial

METAIS PESADOS E SEUS IMPACTOS

André Luis de Moraes¹
Cleverson Fernando Rodrigues¹
Reinaldo Fernandes dos Santos Junior¹
Thiago Camacho Cera¹
Vera Beatriz de Souza¹
Luis Henrique Romano²
Andréia Alves de Lima³

Resumo

Com o aumento da industrialização, um dos maiores problemas da atualidade é a poluição na biota, seja de natureza orgânica ou inorgânica, decorrente de resíduos industriais e domésticos lançados em locais inapropriados, fato que se dá devido à ausência de tratamento, ocasionando deterioração do corpo receptor. Além dos resíduos industriais existem fontes naturais onde são encontrados metais pesados devido a ação de contaminação pelo intemperismo, que também pode ser agravado através de atividades antrópicas, como a extração de minérios, processo no qual podem ser contaminados os lençóis freáticos. O presente trabalho traz como objetivo o estudo dos metais pesados e seus impactos ambientais, em efluentes, afluentes, destinação final inadequada dos resíduos gerados pelas indústrias, onde abordamos técnicas de tratamento e técnicas de biorremediação em solos e sedimentos, o mercúrio (Hg), o cádmio (Cd), o chumbo (Pb), o arsênio (As), o cromo (Cr) e o manganês (Mn) são os seis metais pesados encontrados frequentemente e associados a desastres ambientais ou doenças, são classificados em sua maioria pela tabela periódica como sendo metais de transição com exceção apenas do Arsênio e do Chumbo. Foi realizada a análise química qualitativa, dos cátions do grupo I, onde se avaliou a presença dos possíveis cátions do grupo I (Ag^+ , Pb^{2+} ou Hg_2^{2+}) na amostra de água em estudo. Após a finalização do procedimento de marcha analítica do grupo I (Ag^+ , Pb^{2+} ou Hg_2^{2+}) em laboratório confirmou-se a ausência dos seguintes íons metálicos em todos os pontos de coleta (ponto 1 ao 6 conforme imagem acima): Prata (I), Chumbo (II) e Mercúrio (I). Conclui-se que os metais pesados lançados pelas indústrias causam um desequilíbrio biológico, afetando desde as espécies marinhas que são as que tem mais contato com esses metais, uma vez que ao ser lançado de forma incorreta nos afluentes os afeta diretamente, e essas espécies acabam contaminando outros animais através da cadeia alimentar pelo processo de bioacumulação que sofrem conforme o tempo de contato com a água contaminada.

Palavras-chave: Metais pesados, efluentes, afluentes, biota, indústria, resíduos, chumbo, cádmio, mercúrio, manganês, arsênio e cromo

Referências Bibliográficas

SOUZA, D. A. L. "Contaminação por mercúrio"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/quimica/contaminacao-por-mercurio.htm>>. Acesso em 21 de setembro de 2016.

STIGLIANI, N. W.; SPIRO, G.T. *Química Ambiental* 2ª Ed. São Paulo: Pearson, 2009.

LEE, J.D. *Química Inorgânica Não Tão Concisa* 5ª Ed. São Paulo: Blucher, 1999.

BAIRD, C.; CANN, M. *Química Ambiental* 4ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

Portal de Resíduos Sólidos, Tratamento de Resíduos Sólidos. Disponível em: <<http://www.portalresiduossolidos.com/tratamento-de-residuos-solidos/>>. Acessado em: 5.11.2016.

JUSBRASIL, Art. 3 Política Nacional de Resíduos Sólidos - Lei 12305/10. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/26266720/artigo-3-da-lei-n-12305-de-02-de-agosto-de-2010>>. Acessado em: 5.11.2016.

Efluentes industriais. Disponível em: <<http://efluente.blogspot.com.br/>>. Acessado em: 5.11.2016.

Palácio do Planalto. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12305.htm>. Acessado em: 05.11.2016.

GIORDANO, G. *Avaliação ambiental de um balneário e estudo de alternativa para controle da poluição utilizando o processo eletrolítico para o tratamento de esgotos*. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 1999.

JUSBRASIL, Art. 3 Política Nacional de Resíduos Sólidos - Lei 12305/10. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/26266720/artigo-3-da-lei-n-12305-de-02-de-agosto-de-2010>>. Acessado em: 5.11.2016.

Redação Ambiente Brasil, classes dos resíduos. Disponível em: <http://ambientes.ambientebrasil.com.br/residuos/residuos/classes_dos_residuos.html?query=abnt>. Acessado em: 5.11.2016.

KRAEMER, 2005. *A questão ambiental e os resíduos industriais*. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos/residuos-industriais/residuos-industriais.shtml>>. Acessado em: 05.11.2016.

Manganês. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/quimica/manganes.html>>. Acessado em: 07.11.2016.

ROCHA, A.R. & AFONSO, C. J.; *Manganês*. Disponível em: <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc34_2/11-EQ-23-11.pdf>. Acessado em: 27.10.2016.

IBAMA, Disponível em: <www.mma.gov.br/port/conama/processos/.../siscomexLAMP_IBAMA.pdf>. Acessado em: 06.11.2016.

SOUZA, Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/quimica/contaminacao-por-mercurio.htm>>. Acessado em: 27.10.2016.

¹Discentes do curso de Química Industrial do Centro Universitário Amparense ²Docente do curso de Química Industrial do Centro Universitário Amparense ³Coordenadora do curso de Química Industrial

DETERMINAÇÃO QUANTITATIVA DE CLORIDRATO DE MOXIFLOXACINO EM COMPRIMIDOS POR ESPECTROFOTOMETRIA NA REGIÃO DO ULTRAVIOLETA

Pedro Luis Guizzo¹
Márcia Regina Moreira¹
Tania Cristina Massaro²
Andréia Alves de Lima³

Resumo

Uma metodologia simples, rápida e reprodutível por espectrofotometria na região do ultravioleta (UV) foi desenvolvido e validado para quantificação de cloridrato de moxifloxacino em comprimidos, um antimicrobiano pertencente a quarta família das fluoroquinolonas utilizado na terapêutica contra bactérias gram-negativas, anaeróbias, mas principalmente contra bactérias gram-positivas do trato respiratório. O método provou ser efetivo, fácil aplicabilidade, baixo custo, uma vez que utilizou água destilada como solvente, além de não gerar resíduos tóxicos para o analista e para o meio ambiente e colaborando com a rotina analítica de um laboratório de controle de qualidade, garantindo eficácia terapêutica do fármaco comercializado. O método proposto foi capaz de quantificar o fármaco em sua forma farmacêutica sendo capaz de detectar e quantificar satisfatoriamente seguindo os critérios de especificidade, precisão de 101,6%, exatidão de 99,75%, baixo níveis de robustez na faixa linear de 2,0 a 8,0 µg/mL, mostrando coeficiente de correlação de 0.9999 quando analisado no comprimento de onda de $\lambda=294$ nm em espectrofotômetro.

Palavras-chave: cloridrato de moxifloxacino, validação de métodos analíticos, antimicrobianos, espectrofotometria na região do ultravioleta

Referências Bibliográficas

- ANDRIOLE, V.T. The quinolones: past, present, and future. **Clin. Infect. Dis.**, v. 41, n. 2, p. 113-119, 2005.
- BALL, P. Quinolone generations: natural history or natural selection? **J. Antimicrob. Chemother.**, v.46, p.17-24, 2000.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). **Antimicrobianos: bases teóricas e uso clínico**. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/servicosauade/controle/rede_rm/cursos/rm_controle/opas_web/modulo1/quilonas.htm>. Acesso em: 20ago. 2016.
- CALVO, J.; MARTINEZ-MARTINEZ, L. Mecanismo de acción de los antimicrobianos. **Enferm. Infecc. Microbiol. Clín.**, v. 27, n.1, p.44-52, jan 2009.
- GOODMAN, L.S.; GILMAN, A. **As Bases Farmacológicas da Terapêutica**. 12 ed. Rio de Janeiro: Mac Grawhill, 2012.
- FARMACOPEIA BRASILEIRA. 5.ed. Brasília: Anvisa, 2010.
- ICH. **INTERNATIONAL CONFERENCE ON HARMONIZATION – ICH**. Validation of Analytical Procedures: Text and Methodology Q2 (R1), Geneva, 2005.
- INSTITUTO NACIONAL DE METROLOGIA, NORMALIZAÇÃO E QUALIDADE INDUSTRIAL - INMETRO. DOQ-CGCRE-008, revisão 04: **Orientação sobre validação de métodos analíticos**. 2011. Disponível em: <http://www.inmetro.gov.br/Sidoq/Arquivos/Cgcre/DOQ/DOQ-Cgcre-8_04.pdf>. Acesso em: 29 ago 2015.
- UNITED STATES PHARMACOPEIA. 39. ed. Rockville. The United States Pharmacopeial Convention, 2016.
- ZHANEL, G. G.; NOREDDIN A, M. Pharmacokinetics and pharmacodynamics of the new fluoroquinolones: focus on respiratory infections. **Curr.Opin.Pharmacol.** v.1, n. 5, p. 459–463. Oct 2001



¹Discentes do curso de Química Industrial do Centro Universitário Amparense ²Docente do curso de Química Industrial do Centro Universitário Amparense ³Coordenadora do curso de Química Industrial